



Crise de veridicção e interpretação: contribuições da Semiótica

Regina Souza Gomes*

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir e sugerir caminhos de observação das formas de construção da veridicção nos textos, buscando mostrar como a descrição desses mecanismos pode ser aplicada em atividades de leitura em sala de aula. A base teórico-metodológica será a semiótica francesa, especificamente o nível discursivo da geração de sentido. Os textos sugeridos para análise e aplicação em atividades de interpretação são os das notícias, comentários e, principalmente, as *fake news* que circulam nas mídias eletrônicas. Sugere-se, para que o aluno alcance os possíveis sentidos construídos nos textos, a observação dos mecanismos linguístico-discursivos que lhes dão fundamento.

Palavras-chave: ensino; semiótica francesa; veridicção; paixões; *fake news*.

Introdução

O avanço das pesquisas do texto e do discurso muitas vezes ocorre sem o necessário diálogo com a educação fundamental e média, sem envolver ações de transposição do conhecimento teórico e analítico que envolve a formação docente para as atividades práticas cotidianas de sala de aula. Além disso, as proposições para o ensino da leitura muitas vezes apenas tangenciam os textos, valorizam uma aproximação mais sensível e temática, em detrimento da dimensão cognitiva, e o incentivo ao puro e simples contato com materiais de leitura sem a devida intervenção do professor para a orientação da interpretação desses materiais. Essas atividades pouco exploram os aspectos linguístico-discursivos que dão fundamento aos possíveis sentidos que se podem apreender dos textos, de modo a permitir, enfim, que o prazer da leitura surja da compreensão de seus mecanismos de construção do sentido. Essas questões que envolvem a leitura vêm ao encontro de discussões que, hodiernamente, vem sendo travadas nas mídias sociais, questionando as habilidades de leitura dos internautas e as paixões e os afetos envolvidos na sua interpretação dos textos.

Considerando isso, esse artigo tem como objetivo principal demonstrar as contribuições que a teoria semiótica de linha francesa pode oferecer ao ensino da leitura, atendo-nos aos mecanismos de construção da veridicção nos textos,

.DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2019.165198 .

* Docente do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), RJ, Brasil. Endereço para correspondência: reginagomes@letras.ufrj.br . ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-7042-8235> .

especialmente os que circulam hoje na internet e os que se convencionou chamar de *fake news*. Buscaremos, portanto, propor uma reflexão sobre os desafios do ensino da leitura em meio ao ruído interposto pelo grande número de informações e formas de interação nas redes sociais e na internet a que os alunos têm acesso diariamente, além de discutir e sugerir caminhos de observação das formas de construção da veridicção nos textos, buscando mostrar como a descrição desses mecanismos pode ser aplicada em atividades de leitura em sala de aula, tornando-a mais perspicaz.

Nos dias de hoje, apesar de muitas vezes os alunos não lerem os textos abonados pela escola, é indiscutível que o acesso às redes sociais, aos aplicativos de conversa e à internet em geral, tem feito com que os alunos leiam e escrevam muito, tenham acesso a uma gama enorme de informações que circulam na internet. Se essa é uma realidade, a escola não pode deixar de levar em conta essa experiência dos alunos e compreender o que e como os alunos leem, além de aproveitar o potencial das novas tecnologias para incrementar ações que lhes permitam saber ler criticamente os textos que já fazem parte de seu universo comunicativo e a ampliar a rede de textos a que possam ter acesso por meio da web. Como bem assinalaram Teixeira, Faria e Souza (2014, p. 315):

Atentos aos jovens, descobriremos que eles nos ensinam a não criar um antagonismo entre leituras e tecnologias midiáticas. Mostram-nos a todo momento que “também se aprende a ler e a ser espectador sendo telespectador e internauta”, e mais ainda, que “ser internauta aumenta, para milhões de pessoas, a possibilidade de serem leitores e espectadores” (Canclini, 2008, p. 24 e 54).

Assim, em meio a esse ruído de notícias e dados, a essa profusão de textos, os desafios da escola não estão mais em fazer com que os alunos leiam, mas em orientá-los a fazer uma leitura crítica, reflexiva e a selecionar os dados confiáveis. Para isso, é necessário que o professor tenha uma base teórica sólida que o torne competente para compreender os desafios interpostos pelas novas tecnologias de veiculação de conteúdo e para orientar as atividades de leitura de forma crítica e produtiva na escola.

Muitas propostas de ensino de leitura hoje apoiam-se no envolvimento afetivo do aluno para fazê-lo querer ler os textos indicados pelo professor. Estão, então, voltadas para o gosto, para o prazer da leitura. Se o componente afetivo não deve ser deixado de lado, também o trabalho de explicitação dos modos de o texto fazer sentido não pode ser deixado de lado. Como diz Fiorin (1997, p. 9): “Uma pedagogia da compreensão dos mecanismos constitutivos do sentido é uma pedagogia do gosto, pois, como dizia Valéry, a compreensão precede o êxtase estético”.

Os avanços das teorias do texto e do discurso nas pesquisas universitárias precisariam estar em diálogo com a escola, com as experiências cotidianas do professor. Um diálogo que permitisse encontrar caminhos de observação das estratégias linguístico-discursivas postas em funcionamento nos textos e alcançar seus efeitos de sentido. A semiótica é uma dessas teorias, e é a que nos servirá de base para as sugestões que faremos neste artigo.

Nas próximas seções, discutiremos, primeiramente, o conceito de veridicção em semiótica e as discussões posteriores sobre o problema da verdade e dos regimes de crença (Greimas, 1983; Landowski, 1992; Fontanille, 2015; Fiorin, 2008; Mancini, 2018); a seguir, abordaremos a interação na internet (Barros, 2015; 2016) que nos permitirá compreender o espaço de circulação dos textos e os

modos de interação dos internautas; para, enfim, apontarmos algumas das estratégias empregadas para a construção da credibilidade nas *fake news* e quais recursos linguístico-discursivos o professor pode fazer o aluno observar nos textos para alcançar uma leitura mais perspicaz e menos ingênua.

1 O problema da veridicção

O problema da veridicção, da crença e sua construção no discurso estão no escopo da preocupação com a leitura crítica dos alunos, especialmente no que diz respeito aos textos que circulam na internet. O fenômeno das *fake news* é um dos casos extremos e as suas consequências políticas e sociais têm sido evidentes. O problema é tão grave que tem levado ao surgimento de mecanismos de verificação das notícias por órgãos da imprensa (*Agência Lupa, Fake ou News, UOL Confere, Boatos.org* etc.); no entanto, esses mecanismos não têm diminuído a veiculação e reprodução dessas notícias, que contam ainda com leitores crédulos para as replicar. Como dissemos, as pesquisas em semiótica podem muito contribuir para que o professor debata com os alunos as formas de construção da verdade nos textos e os recursos empregados para fazer crer nessa verdade. Sintetizaremos a seguir alguns desses trabalhos e como podem ajudar tanto o professor a compreender esse fenômeno quanto melhor observar os seus mecanismos.

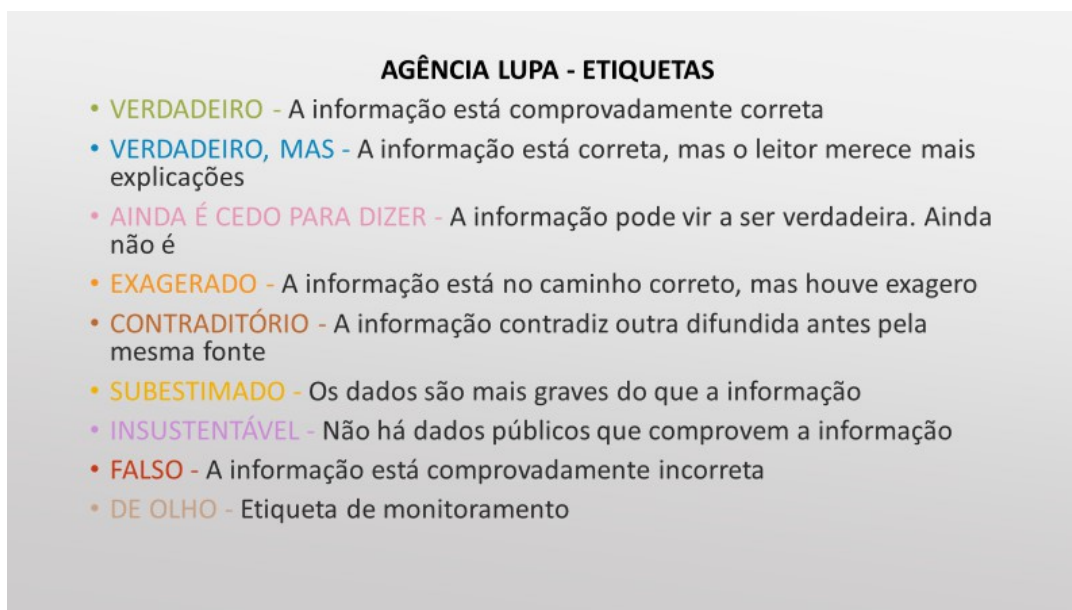
Para a semiótica, o problema da verdade é concebido por meio de um contrato de veridicção, instituído na inter-relação discursiva entre o fazer persuasivo do enunciador e o fazer interpretativo do enunciatário. O problema, então, é visto no interior do próprio discurso e o seu julgamento se dá com base nas modalidades veridictórias, pela apreensão do ser a partir do parecer: avalia-se, assim, se o enunciado é verdadeiro (parece e é), falso (não parece e não é), secreto (não parece e é) ou mentiroso (parece e não é). O contrato fiduciário entre os actantes da enunciação (o enunciador e o enunciatário) estabelece uma base de valores compartilhados a partir dos quais a troca comunicativa se institui, valores a partir dos quais se reconhecem, se admitem, se assumem ou se aceitam novos valores. Toda informação nova passa, então, pelo crivo do universo já conhecido do enunciatário e dos valores por ele aceitos, para que possa julgar sua verdade (ou melhor, sua veridicção) e a forma como o enunciado deve ser interpretado: como ficção ou como uma representação da realidade. Os recursos empregados pelo enunciador para fazer crer levam o enunciatário a tomar como verdadeiro o seu dizer. O crer, assim, sobredetermina o saber; o julgamento da verdade está submetido à crença do enunciatário sobre a verdade do dizer. Toda a leitura mobiliza esse contrato de veridicção, tendo o leitor que julgar as informações e valores transmitidos, sua veracidade e o modo de interpretá-los (como realidade, como ficção, como ironia...).

Mancini (2018), em parceria com Lisboa (2016), que aplica as possibilidades teóricas da semiótica em análise dos quadrinhos *Wachman*, propõe uma releitura das modalidades veridictórias. Diz ela: “A pergunta que nos motivou foi: ‘Todas as verdades e falsidades são iguais e confirmam com a mesma exatidão? Todos os segredos e mentiras surpreendem com igual espanto?’ (Lisboa; Mancini, 2018 – no prelo)” (Mancini, 2018, p. 23). Numa abordagem tensiva da veridicção, a autora aponta para uma gradação nas categorias do parecer e do ser, possibilitando dar conta das modulações próprias de muitos textos. Segundo Mancini (2018, p. 23):

[...] podemos entender um *parecer muito* que difere de um *parecer pouco*, e um *ser exatamente*, enfático, que difere de um condescendente *até ser*. Do mesmo modo, temos um *não parecer nada* e um *quase parecer* na manifestação, e um *não ser de forma alguma* e um *quase ser* na imanência. Desse modo, chegamos a uma proposta de intervalos que substituem o binarismo entre *ser* e *não ser*, na imanência, e entre *parecer* e *não parecer*, na manifestação. A intenção de estabelecer essas diferenças entre o *ser* e o *parecer* e suas variações recrudescidas ou minimizadas aspectualmente é dar conta das diferentes verdades, segredos, mentiras e falsidades que podem ser elaboradas entre esses fúntivos, agora acolhidos como intervalos, e, por isso mesmo, capazes de se diferenciar gradualmente para além das duplas de correlações binárias.

Essa modulação está explicitada, por exemplo, nos parâmetros de verificação das notícias, como forma de enfrentamento dos órgãos de imprensa frente às *fake news*, como se vê no quadro a seguir (cf. Figura 1), que reproduz as informações contidas no site. Os intervalos entre a verdade e a falsidade, percebidos pela Agência Lupa, podem ser explicados pelas variações propostas pela autora.

Figura 1: Etiquetas de conferência da verdade das notícias.



Fonte: Informação transcrita do site da Agência Lupa.
Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/>. Acesso em 29/09/19.

A observação das etiquetas demonstra uma modulação entre o dizer verdadeiro e o falso: a omissão de dados ou explicações, a antecipação, o exagero, a subestimação, a ausência de dados públicos, a impossibilidade de verificação fazem com que haja uma gradação no julgamento. Esses mesmos intervalos podem ser aplicados na apreensão da verdade nos textos a que os alunos têm acesso e os elementos concretos dos textos possibilitarão identificá-los e julgá-los.

Curiosamente, as mídias frequentemente reconhecidas como veículos de informação confiável, incluindo a *Folha de S. Paulo*, que gerencia a *Agência Lupa*, também lançam mão de alguns desses artifícios: ora omite-se uma informação, ora certas posições de envolvidos num fato não tem voz nem espaço nas matérias, ora há dados superestimados ou subestimados, ora há antecipação de informações não

completamente verificadas (indícios, probabilidades, denúncias dão notícia...). Essas práticas, como veremos adiante, já relativizam a interpretação do verdadeiro, o que pode levar à credulidade ou ao ceticismo.

O julgamento da verdade do dizer do outro passa pelas modalidades do *saber* (o *saber ser* se traduz como o verdadeiro) e do *crer*, que o rege. Landowski (1992) aponta para dois regimes do *crer*: a crença (no dito) e a confiança (no sujeito). Desta maneira, pode-se *crer* no enunciado porque se tem confiança no sujeito (se é você quem diz, eu creio), com o qual o enunciatário se identifica, as relações intersubjetivas regem o julgamento. Mas pode-se *crer* no dito pelas provas e argumentos presentes no próprio enunciado.

A compreensão desses dois regimes permite compreender como se pode acreditar no dizer do outro: de um lado, há uma ênfase no inteligível, na razão, e, de outro, no sensível, nos afetos. No primeiro caso, é a competência do enunciador em reunir e arranjar as provas, dados, documentos, organizar logicamente causalidades, justificativas, explicações, selecionar e encadear percursos temáticos e figurativos que vai construir a verdade do discurso, objeto possível de crença pelo destinatário. No segundo caso, as paixões, os afetos, as identificações, a criação de uma imagem confiável do enunciador, a aproximação com o enunciatário, atendendo a uma falta ou fazendo-se promessa de alcance dos valores de busca, é que estão na base da interação – e da confiança.

É importante entender que o componente inteligível e o sensível estão em copresença na enunciação, em graus variados (mais átonos ou mais tônicos), constituindo o estilo do produtor do discurso (Discini, 2015). Nos enunciados, a razão e os afetos concorrem para a construção do enunciado, mesmo que num grau ínfimo. Como todos os dois regimes, em diferentes graus de intensidade, são criados no discurso, as marcas dessas estratégias de fazer *crer*, que estão associadas às modalidades veridictórias, podem ser identificadas na interpretação dos textos.

Esses regimes também estão muito vinculados aos gêneros do discurso, que podem ser concebidos como condensações nos textos-enunciados de práticas de interações sociais e discursivas. Os gêneros acadêmicos, jornalísticos ou os gêneros religiosos fazem aceitar verdades e assumir valores a partir da crença nas razões do enunciado ou a confiança nos destinatários (ou metadestinatários) – sem deixar de levar em conta a coocorrência dos dois modos de *crer*, em intensidades variáveis.

Fontanille (2015) observa, ao tratar dos regimes de crença midiáticos, que os textos comportam “promessas semióticas”, que correspondem a contratos de leitura, que predeterminam a maneira com que os seus destinatários devem interpretá-los. Essas “promessas” são convertidas em normas, em estéticas e em gêneros. Então, num documentário, espera-se uma informação nova e atestada, na ficção, a verossimilhança contínua e sustentada, nos textos de natureza didática, conhecimentos válidos e garantidos institucionalmente. No entanto, nos dias de hoje, o autor aponta para a hibridização dos regimes de crença, fazendo com que haja uma desestabilização e uma confusão, por parte do enunciatário, na percepção e seleção do regime apropriado no qual deve se situar. Há, então, notícias que apelam para marcas discursivas próprias da propaganda, um reality show que se pauta em cenas ficcionalizadas, documentários que se constroem sob códigos estéticos e genéricos próprios da ficção etc.

As estratégias escolares de identificação de códigos e as regras temáticas, formais e estilísticas dos gêneros e sua aplicação prescritiva são, portanto,

incapazes de dar conta da hibridização de regimes de crença e mistura de gêneros que envolvem os textos contemporâneos. Só a leitura crítica dos textos e a observação de seus elementos discursivos e retóricos poderão fazer frente à confusão quanto à interpretação da veridicção. Ao discutir a crise de representação no texto literário, Fiorin (2008), de certa forma já apontava, na contemporaneidade, um novo regime de representação, um contrato veridictório que denomina de metalinguístico, que se aproxima das considerações feitas por Fontanille. Segundo Fiorin (2008), esse novo contrato semiótico pensa a realidade como discurso e o embate se dá, então, entre discursos. Ele identifica, nos textos literários, a hibridização de gêneros, a mistura de campos discursivos:

[...] na medida em que se negam as estéticas dominantes, implode-se o conceito de gênero, criando-se textos que misturam o que antes era separado. Por exemplo, romances com notas de pé de página, como se fossem uma tese; romances que conjugam a linguagem figurativa da narrativa romanesca e a linguagem temática do ensaio e assim por diante. Os campos discursivos, bem delimitados durante a modernidade, misturam-se. É interessante observar as notas de pé de página de um romance como *O beijo da mulher aranha*, de Manuel Puig (1981). Por outro lado, aparecem a colagem, as superposições discursivas, a montagem de retalhos da realidade. Na medida em que o embate se faz entre discursos, ganham um relevo nunca visto a metaficção e a imitação de textos e estilos. (Fiorin, 2008, p. 216)

Essa mistura de protocolos dos gêneros e dos modos de ler os enunciados (como realidade, como ficção, como ironia, etc.) e a construção da veridicção se complexificam nos enunciados produzidos em ambiente virtual, considerando as formas de interação na internet, que devem ser bem compreendidas pelo professor, para que possa atuar mais conscientemente para a orientação das atividades de leitura.

2 A interação na internet e o dizer verdadeiro

Sobre a interação na internet, os trabalhos de Barros (2015; 2016) sobre o tema permitem compreender a complexidade, os excessos, as paixões e a intolerância que estão presentes na comunicação digital; eles explicam alguns dos recursos empregados para fazer com que os leitores assumam como verdadeiros os conteúdos veiculados nesse contexto. Para a autora, a complexidade define as interações na internet, pois apresenta, ao mesmo tempo, aspectos positivos e negativos da fala e da escrita, reúne elementos que tornam a comunicação ao mesmo tempo pública e privada, sendo os enunciados julgados verdadeiros e dotados de um saber, sem que se assuma a responsabilidade pelo dizer.

Em relação à complexidade relativa à modalidade oral e escrita, a autora explica que, do ponto de vista da elaboração e do planejamento, há características da fala, criando o efeito de sentido de informalidade, e da escrita, criando o efeito de sentido de formalidade. Essa complexidade faz com que os efeitos positivos e negativos dos polos das modalidades oral e escrita se misturem: de um lado, no caso da oralidade, a franqueza, a sinceridade, a cumplicidade, o verdadeiro, a proximidade, a interatividade simétrica; de outro, a efemeridade, a fragmentação, a incompletude, a intimidade excessiva, a falta de objetividade. No que se refere à escrita, os efeitos positivos que se produzem na internet são os da completude, da

objetividade, do acabamento, da racionalidade, enquanto os efeitos negativos são os da rigidez e da formalidade, da individualidade. Assim, o estilo concessivo contribui para um dizer excessivo e desequilibrado, próprio das interações na internet.

Além da complexidade da modalidade oral e escrita, há ainda a questão da “organização enunciativa e veridictória dos discursos” (Barros, 2015, p. 22), tão importante para a compreensão da admissão dos valores e verdades que se transmitem em textos, muitas vezes, fragrantemente falsos e incoerentes. A autora afirma que os discursos na internet são vistos sempre como verdadeiros, como os que desmascaram a mentira ou revelam os segredos. O fato de perceber-se como coautor dos discursos, o excesso quantitativo relativo às informações acumuladas na internet e a interatividade acentuada contribuem, assim, para a crença e a confiança do enunciatário no que lê e replica na internet.

Outra discussão importante, quando se estuda a interação na internet, é sobre o anonimato e a autoria implicados na projeção actancial e na construção do ator da enunciação. Na internet, há predominância da debreagem enunciativa (projeção de um eu-aqui-agora), criando efeitos de sentido de proximidade e subjetividade, mas, ao contrário do esperado a partir desta escolha sintática, a figurativização do ator da enunciação se dá por pseudônimos, contribuindo para o anonimato, produzindo como efeito a falta de responsabilidade pelo dizer (Barros, 2015, p. 23-25).

Essa descrição da autoria, do anonimato e da não-responsabilização pelo dizer demonstrada pela semiótica, explica também a produção e a propagação de *fake news*. A replicação numerosa dos textos também faz perder de vista a origem da circulação das informações compartilhadas, fazendo com que o familiar, o amigo, o conhecido que a replica assuma o papel de garantidor da verdade do seu conteúdo.

A autora, enfim, assim resume a complexidade na internet:

Em síntese, algumas das principais características dos discursos na internet são: exacerbação da intensidade na interação e da extensão na duração e alcance desses discursos (devido à sua complexidade, entre a fala e a escrita); negação da oposição entre público e privado (devido à formação do complexo público/privado); instalação do sujeito discursivo como homem público, embora anônimo, do ponto de vista da autoria do ator da enunciação; e também como sujeito confiável, pois apresenta a verdade e o saber, mas sem responsabilidade sobre o que diz, e como sujeito, portanto, do poder. Complexidade, no sentido semiótico do termo, parece ser o elemento definidor dos discursos da internet. (Barros, 2015, p. 28)

3 A veridicção e o ensino de leitura

Aplicando esses pressupostos e conhecimentos ao ensino de leitura, pode-se perceber que as dificuldades dos leitores em interpretar os enunciados como falsos ou verdadeiros estão relacionadas às próprias formas híbridas dos códigos e gêneros dos textos midiáticos e literários; isso além das práticas que concernem à complexidade da interação e à circulação de textos na internet (citações cuja autoria não é corretamente atribuída, repostagem de textos sem que se saiba a fonte etc.), bem como ao apelo às paixões e à confiança. No entanto, apesar das instabilidades de gênero, debater as práticas que constroem a credibilidade do

enunciador, a crença em seu dizer e as formas relativamente estáveis dos gêneros, suas modulações e limites, pode ajudar a identificar as marcas do modo de dizer que levam a uma leitura crítica, e também os recursos para construir a confiança do enunciatário, fazendo-o adotar como verdadeiras as informações enganosas, incompletas. Assim se estará desvendando as artimanhas desse tipo de texto.

O trabalho de cotejar as informações veiculadas em um texto com outros sobre o mesmo fato e assunto é também uma atividade que pode fazer com que os alunos cheguem a uma leitura crítica dos textos e à seleção, entre os muitos textos a que têm acesso, de em quais dados e interpretações podem apostar.

Atividades e questões elaboradas pelo professor que orientem a observação dos recursos linguístico-estilísticos que são frequentemente explorados em *fake news* ou que são próprios dos gêneros informativos (e sua elasticidade característica dos dias de hoje) podem ajudar o aluno a entender como esses textos formulam sua verdade e causam efeitos que alteram o estatuto modal e passional do leitor; eles são muito importantes para desenvolver a competência de leitura dos alunos, a sua interpretação crítica.

Por isso, abordaremos, neste momento, três questões que concernem especificamente ao modo como as fake news promovem a crença no seu dizer:

- a) a mobilização dos afetos e das paixões, com prevalência da confiança (nos sujeitos) sobre a crença (no dito);
- b) os recursos argumentativos, de natureza inteligível, que predominam nesses textos;
- c) os regimes de crença que mitigam as demarcações entre os modos de interpretar e crer nesses textos (se são realidade, ironia ou ficção), a graduação nas modalidades veridictórias nas fake news e como são exploradas (entre a verdade e a mentira, os intervalos).

Entre os recursos que apelam para o sensível, podemos enumerar o emprego reiterado de imagens, tratamento estésico de grafemas, emprego simbólico ou semissimbólico de cores e formas, da diagramação, de quadros, etc. Outro recurso é a ênfase nos excessos e nas intensidades no dizer: emprego de hipérboles, de expressões intensificadoras etc., com marcas explícitas de subjetividade. Do ponto de vista aspectual, há sempre a aceleração e a urgência. O emprego da ironia, do sarcasmo e do humor também são constantes. Há também a presença de certas configurações passionais no enunciado, principalmente as paixões malevolentes (medo, raiva, ódio, ressentimento), mas também há as paixões benevolentes (adoração, admiração) que aparecem de forma tônica, a depender das personalidades públicas sobre as quais essas paixões recaem.

Entre os recursos argumentativos mais inteligíveis, podemos citar o apagamento da polifonia ou a desqualificação do dizer contrário ao que se afirma no enunciado, a construção da ancoragem de tempo, lugar e pessoa, a modalização por um saber ser (ausência da dúvida, da possibilidade etc.), apagamento da autoria e da responsabilidade pelo dizer, a norma linguística não padrão, entre outras.

Exemplificaremos alguns desses recursos em publicações que circulam na internet e que são identificadas como falsas pelas agências de verificação de notícias (*Agência Lupa e Fato ou Fake, UOL Confere*).

O primeiro recurso que apontaremos nessas publicações, citado anteriormente, é a escolha de imagens para acompanhar os enunciados verbais, com letras sobrepostas às fotos das personalidades públicas – que trazem traços figurativos que as tornam mais dignas ou mais grotescas, a depender do que se quer fazer acreditar. Nas atividades didáticas, é necessário fazer ver as letras que estão em negrito ou caixa alta, com fontes de linhas grossas, com alternância de cor nas letras, destacando certas palavras. As marcas de subjetividade, seja na introdução do post pelo narrador (Figura 2), seja na fala do actante do enunciado (a deputada Gleisi Hoffmann) transcrita na imagem (Figura 3), são elementos que já indicam uma tomada de posição intensa do enunciador.

Figura 2: Informação verificada e julgada como falsa pela *Agência Lupa* em 16/08/19.



Fonte: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/08/16/verificamos-votacao-abuso-autoridade-secreta/>. Acesso em 25/09/19.

Figura 3: Informação verificada e julgada como falsa pela *Agência Lupa* em 06/08/19.

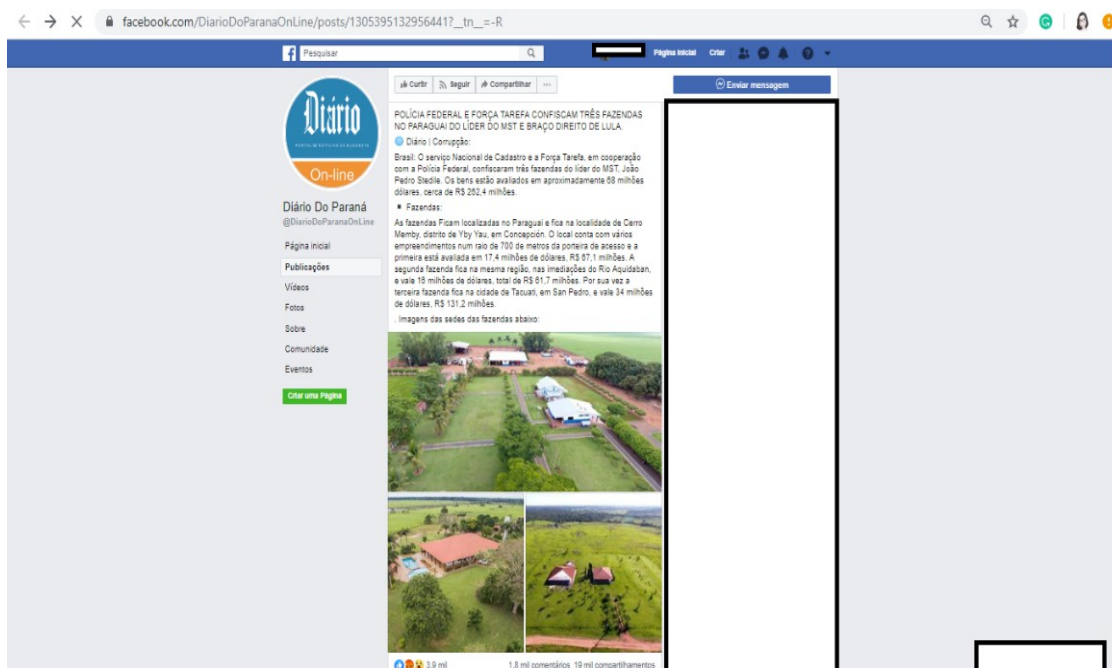


Fonte: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/08/06/verificamos-pt-stf-gas/>. Acesso em 25/09/19.

O emprego de exclamações, em expressões que concretizam a paixão da indignação (“Isso é inadmissível!”, na Figura 2), a exortação à ação (“cobre o presidente”, no mesmo texto), são procedimentos que acentuam a dimensão passional que se reiteram nessa espécie de publicação. Na Figura 3, apesar de o título e o corpo do texto simularem a linguagem empregada pela grande imprensa, a projeção da fala da personalidade pública (a deputada Gleisi Hoffmann) não é convencional, já que se sobrepõe à imagem, como dizemos, com destaques de coloridos. Enquanto a figura do atual presidente na foto mostra-se altiva e firme, com a exaltação da coragem necessária para a ação que dele se espera (vetar a suposta “votação secreta na calada da noite”), expressando admiração, a figura da deputada na foto parece entregue ao excesso e ao descontrole, transfigurada, desqualificando-a.

Inseridas para criar efeito de realidade e de verdade, as fotos da postagem abaixo (Figura 4) não são isotópicas em relação ao conteúdo do enunciado verbal (não são todas de fazendas no Paraguai), além de a informação contrastar com outras notícias que apresentam parcialmente o mesmo conteúdo, o que pode ser verificado pelo recurso da intertextualidade.

Figura 4: Informação verificada e julgada falsa pela Agência Lupa em 13/08/19.



Fonte: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/08/13/verificamos-pf-fazendas-mst/>.
Acesso em 25/09/19.

O texto da publicação, que não está legível na imagem, diz:

POLÍCIA FEDERAL E FORÇA TAREFA CONFISCAM TRÊS FAZENDAS NO PARAGUAI DO LÍDER DO MST E BRAÇO DIREITO DE LULA

BRASIL. O Serviço Nacional de Cadastro e a Força Tarefa, em cooperação com a Polícia Federal, confiscaram três fazendas do líder do MST, João Pedro Stedile. Os

bens estão avaliados em aproximadamente 68 milhões de dólares, cerca de R\$ 262,4 milhões.

Fazendas:

As fazendas Ficam [sic] localizadas no Paraguai e fica [sic] na localidade de Cerro Memby, distrito de Yby Yau, em Concepción. O local conta com vários empreendimentos num raio de 700 metros da porteira de acesso e a primeira está avaliada em 17,4 milhões de dólares, R\$ 67,1 milhões. [...]

Imagens das sedes das fazendas abaixo:

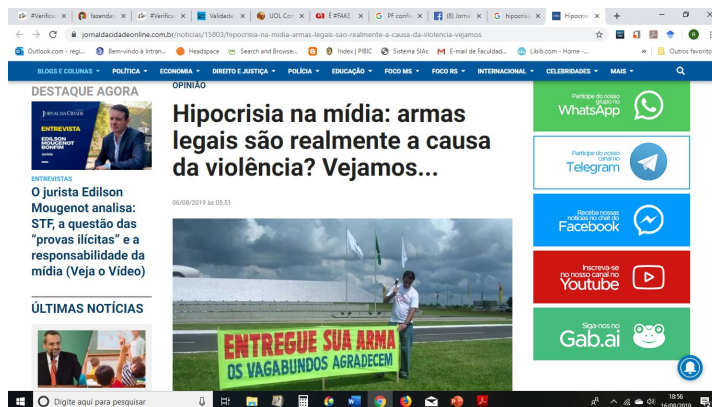
(*Agência Lupa*, 13/08/19).

Segundo a *Agência Lupa*, a Polícia Federal confiscou terrenos no Paraguai do traficante Luiz Carlos Rocha, que não tem ligação com o MST. Em relação às fotos, duas delas circulam em redes sociais: uma delas é de um imóvel localizado no município de Campo Novo do Parecis, MT, e a segunda, no município Comodoro, no mesmo estado, que foi a leilão em 2017. A terceira imagem é a única que aparece em reportagens como sendo das fazendas confiscadas pela PF, mas sem relação com o ator do enunciado (João Pedro Stédile) aludido na postagem. Assim, o fato de a notícia fazer alusão a reportagens veiculadas pelos jornais (ter havido o confisco de fazendas no Paraguai pela Polícia Federal) confunde e dá à postagem alguma credibilidade para um leitor desinformado ou que apenas lê ou ouve rápida e superficialmente manchetes de jornais.

Esta mesma postagem imita o de uma página de órgãos de imprensa no *Facebook*, com ancoragem enunciativa de pessoa e espaço (emprego de 3ª pessoa e espaço não coincidente com o da enunciação) e debreagem ou embreagem enunciativa de tempo (emprego do presente do indicativo, indicando ou simulando concomitância com o momento da enunciação), tal qual se faz em textos jornalísticos, como se vê na página de *O Globo* no *Facebook*, por exemplo. No entanto, apesar de produzir o efeito de objetividade próprio dos textos jornalísticos, a norma linguística empregada se afasta da escrita culta, preferencialmente empregada nas mídias jornalísticas tomadas como sérias, causando efeito de aproximação com o enunciatário presumido: como se vê na transcrição da publicação, o uso da letra maiúscula não atende à norma prescrita nas gramáticas (“As fazendas Ficam...”) e a concordância também não é a padrão (“.e [as fazendas] fica...”).

Em outros textos de conteúdo duvidoso — apontados pelas agências de verificação de notícias como falsas —, que do ponto de vista da diagramação simulam ser de órgãos de imprensa, apresentam, ao contrário, conteúdos com marcada subjetividade, como se pode constatar nas postagens seguintes (Figura 5).

Figuras 5 e 6: Hipocrisia na mídia: armas legais são realmente a causa da violência? Vejamos...





Fonte: *Jornal da Cidade* on-line, 06/08/19. Disponível em: <https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/15803/hipocrisia-na-midia-armas-legais-sao-realmente-a-causa-da-violencia-vejamos>. Acesso em 25/09/19.

Imitando *blogs* vinculados a jornais conhecidos, ataca a própria mídia (“Hipocrisia na mídia...”), os pontos de vista contrários são mostrados de forma agressiva, desqualificados pelo sarcasmo e pela escolha de figuras grosseiras atribuídas aos sujeitos (os “esquerdistas”) que os assumem (“asno”, “esquerdista com a boca ainda suja de capim”). Esse modo de dizer claramente hostil, de feição grosseira, no entanto, se distancia da linguagem empregada em *blogs* de jornalistas da grande imprensa, o que pode ser percebido por comparação com outros artigos de jornalistas. Ao apontar para uma suposta “hipocrisia” da mídia, o texto de opinião apresenta-se, assim, como um desmascaramento de uma mentira (a de que as armas legais aumentam a violência), apresentando “dados” que supostamente demonstrariam a verdade do comentário, o que não se confirma nas pesquisas realizadas, segundo a *UOL Confere*.

Na postagem anteriormente comentada (Figura 3), simula-se a projeção de voz do interlocutor, a deputada Gleisi Hoffmann; no entanto, o conteúdo do dizer é incongruente com os outros dizeres do mesmo ator semiótico em outros textos que também circulam na internet, sejam eles vídeos e discursos veiculados pela TV da Câmara, sejam eles textos jornalísticos. Portanto, apesar de parecer projetar outras vozes dissonantes, com outros pontos de vista, ou essas vozes são desqualificadas, mostradas com desdém e sarcasmo, ou os enunciados são incongruentes com o conjunto de dizeres da personalidade pública.

Na maioria destes textos, há inúmeras repostagens, mas não se manifesta a fonte a partir da qual a notícia é produzida. Com o apagamento da autoria, a atestação da verdade acaba atribuída ao sujeito que a replica, que não assume, no entanto, a responsabilidade pelo dizer e implicitamente atribui a outro, que não aparece nomeado no discurso. Assim, a confiança que se tem no sujeito que se apresenta como fiador do conteúdo faz crer, por extensão, na verdade do enunciado.

Em todos os textos, o emprego do modo indicativo e outras marcas linguístico-discursivas modalizam os enunciados por um *saber ser*, as narrativas são mostradas como fatos incontestáveis. O acento afetivo, a urgência, as marcas passionais do desdém e da indignação, da admiração, das paixões malevolentes, virulentas e intensas marcam os textos que frequentemente são apontados pelas agências como falsas.

Considerações finais

As rápidas observações de recursos discursivos empregados nos textos disponíveis na internet, que podem ser apontados e apreendidos em atividades de leitura, dão uma dimensão das dificuldades a serem enfrentadas pelos professores diante das novas formas de circulação de informação próprias dos meios digitais. Como vimos, não basta ao professor oferecer material diversificado para leitura, por ele considerado de melhor qualidade e mais rico em recursos. Não é possível ignorar os textos a que os alunos têm acesso cotidianamente; é preciso também ensinar a ler de forma mais crítica esses textos. Mesmo que, em algumas regiões do país, muitos alunos não tenham acesso aos meios digitais, não se pode dizer que seus conteúdos não o afetem de uma forma ou de outra.

As mídias já vêm construindo uma confusão quanto à forma de fazer a leitura dos textos, misturando os regimes de crença próprios de diferentes gêneros e práticas discursivas, como aponta Fontanille (2015). As *fake news* acabam dando intensidade à mistura de regimes de crença (se ficção, se realidade) e aos recursos argumentativos (inteligíveis e sensíveis) já praticados nas mídias tradicionais: a omissão de informações, a ausência dos diversos pontos de vista e da polifonia, a subjetivação, a ironia e o sarcasmo, o dizer excessivo, a construção de um saber ser indiscutível, tornando mais difícil para os leitores a discriminação e o julgamento do verdadeiro, do falso, do ilusório e do ficcional. Sem dúvida, a recorrência de dados que não se sustentam em pesquisas e em informações oficiais são específicas das *fake news*, que não podem ser igualadas às matérias jornalísticas, mas o enunciador desse tipo de postagens se mostra competente em manejar as incompletudes, a monofonia, o apelo sensível e a parcialidade explícita já frequentes nas mídias, aspectualizando-os por recrudescimento (Zilberberg, 2012), de modo a fazer parecer verdadeiras as mentiras e falsidades e fazer crer em valores autoritários e conservadores.

Neste sentido, as meias-verdades, as quase falsidades, criando intervalos que mitigam as triagens, as constantes denúncias de mentiras e revelações de segredos confundem-se em meio a ruídos e excessos de informações que as mídias eletrônicas possibilitaram, tornando possível a crença no inacreditável.

Além disso, a ênfase no acento passional (o medo, o ódio, o desdém, por um lado, a admiração cega, a idolatria, por outro) e o modo de circulação das postagens acabam fazendo prevalecer o regime de confiança do enunciatário no enunciador, mais que a crença no dito, nos argumentos, nos dados, nos fatos, nas pesquisas. Da parte do leitor, há uma aposta na verdade dos enunciados; na parte do enunciador, uma aposta na credulidade e envolvimento afetivo do leitor, na sua adesão e identificação aos valores, o que explica essa forma de interação.

Para os professores, o desafio se faz em preparar atividades para que seu aluno tome consciência dos mecanismos discursivos empregados e possa discriminar as diversas artimanhas dos textos. No caso das notícias falsas, orientar

para o que observar, de modo a identificar os recursos para alcançar a adesão do leitor: o acentuado emprego de recursos passionais e sensíveis (a caixa alta, as exclamações, as expressões agressivas e grosseiras, as acusações, as expressões intensificadoras, as imagens grotescas, o tratamento gráfico das letras, as cores etc.); o emprego da norma linguística (coloquialismos e transgressões da norma culta esperada em publicações jornalísticas profissionais); o uso da ironia, do sarcasmo e do humor; a retomada parcial de notícias e imagens de outras notícias publicadas nos jornais, com elipses ou significativas alterações de seu conteúdo, etc. Além desses recursos apontados, outros podem ser descobertos no trabalho colaborativo de atenção curiosa compartilhada entre professores e alunos.

É importante também que o professor discuta com os alunos as formas de interação na internet – o anonimato, a ausência de responsabilização pelas matérias produzidas –, assim como os efeitos de um tipo de compartilhamento intenso e numeroso de informações que acaba por causar a confiança no enunciado, já que o fiador pode ser alguém da confiança do destinatário das notícias.

O trabalho de buscar informações, de cotejar textos pelo recurso da intertextualidade, o questionamento da recepção cega dos conteúdos é também outro desafio a enfrentar. Se é verdade que os alunos podem ter acesso a muita informação pelos meios eletrônicos, o esforço que se faz é o de selecionar as informações em meio ao rumor desorganizado de textos e postagens, cotejá-los, questioná-los, para assim poder julgar o seu grau de credibilidade. A complexidade desse julgamento já se faz ver pela graduação que as agências de verificação das notícias que circulam na internet já mostram: entre o verdadeiro e o falso, há vários intervalos e possibilidades. As informações parciais, as omissões, e algum grau de distorção são recursos também empregados pelos jornais e pela grande mídia em geral, mas exacerbados e amplificados pelos autores de notícias falsas. A atenção aos regimes de crença próprios dos gêneros, sua relativização e modulação na contemporaneidade, transposta para uma linguagem didática e acessível, é um dos exercícios que os professores podem disponibilizar para seus aprendizes.

Enfim, nas atividades didáticas de leitura, somente a observação dos recursos linguístico-discursivos, o cotejamento dos intertextos e o debate coerente podem colaborar para uma leitura menos ingênua e mais crítica dos textos pelos alunos.

Referências

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. A complexidade discursiva na internet. *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, v. 13, n. 2, 2015, p. 13-31. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/8028/5756> . Acesso em 30/09/19.
- FIORIN, José Luiz. A crise da representação e o contrato de veridicção no romance. *Revista do GEL*, S. J. do Rio Preto, v. 5, n. 1, p. 197-218, 2008. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/142/122> . Acesso em 30/09/19.
- FONTANILLE, Jacques. Des formes de vie invasives: régimes de croyance médiatiques et mondialisation. In: _____. *Formes de vie* [on-line]. Liège: Presses universitaires de Liège, 2015. Disponível em: <https://books.openedition.org/pulg/2226> . Acesso em 30/09/19.
- GREIMAS, Algirdas Julien. Le savoir et le croire: un seul univers cognitif. In: _____. *Du sens II: essais sémiotiques*. Paris: Seuil, 1983, p. 115-133.

- GREIMAS, Algirdas Julien. Le contrat de véridiction. In: _____. *Du sens II: essais sémiotiques*. Paris: Seuil, 1983, p. 103-113.
- LANDOWSKI, Eric. Sinceridade, confiança, intersubjetividade. In: _____. *A sociedade refletida*. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992, p.153-163.
- MANCINI, Renata. Sem Greimas, com Greimas, após Greimas, cem Greimas. *Estudos Semióticos* [on-line], vol. 14, n. 1 (edição especial). Editores convidados: Waldir Beividas e Eliane Soares de Lima. São Paulo, março de 2018, p. 22-27. Disponível em: www.revistas.usp.br/esse . Acesso em 15/10/19.
- ZILBERBERG, Claude. *La structure tensive*. Liège: Presses universitaires de Liège, 2012.

Dados para indexação em língua estrangeira

GOMES, Regina de Souza

Crisis of veridiction and interpretation: contributions from Semiotics

Estudos Semióticos, thematic issue

“Contributions of semiotics and other theories
of text and discourse to teaching”

vol. 15, n. 2 (2019)

issn 1980-4016

Abstract: *This article aims to discuss and to suggest observation paths to the forms of constructing veridiction in texts, by attempting to show how the description of these mechanisms can be applied in reading activities in the classroom. The theoretical-methodological basis will be the French Semiotics, specifically the discursive level of the generative process of meaning. The texts suggested for analysis and for application in the interpretation activities are the news, its comments and, mainly, fake news that circulate in electronic media. For the student to reach the possible meanings built in the texts, it is suggested to observe the linguistic and discursive mechanisms that support them.*

Keywords: *education; french Semiotics; veridiction; passions; fake news.*

Como citar este artigo

GOMES, Regina de Souza. Crise de veridicção e interpretação: contribuições da Semiótica. *Estudos Semióticos* [on-line]. Volume 15, n. 2. Dossiê temático “Contribuições da Semiótica e de outras teorias do texto e do discurso ao ensino”. Editoras convidadas: Diana Luz Pessoa de Barros, Lucia Teixeira e Eliane Soares de Lima. São Paulo, dezembro de 2019. p. 15-30. Disponível em: www.revistas.usp.br/esse . Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento: 31/07/2019

Data de aprovação: 20/10/2019
